

AS CONTRADIÇÕES DE UMA NAÇÃO SUBDESENVOLVIDA, O BRASIL DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: A ESPETACULARIZAÇÃO DA FAVELA¹

MARCO BETTINE²

DIEGO GUTIERREZ³

BILLY GRAEFF⁴

INTRODUÇÃO

Os pesquisadores brasileiros de distintas áreas do conhecimento tiveram (e têm) muitas nuances para analisar o Brasil dos megaeventos, foram escritos textos sobre – viabilidade, protestos, gentrificação, financiamento, legado, acreditamos que o mundo acadêmico tem se debruçado com afinco sobre estes acontecimentos e daqui por diante necessitaremos de estudos multidisciplinares que demonstrem com seriedade e distanciamento, se de fato um país com problemas radicais em áreas como saúde, educação, saneamento básico, segurança, fome, moradia e emprego (com direitos), deve fazer um esforço hercúleo para sediar os megaeventos esportivos.

Feito esta pequena introdução, gostaríamos de apresentar onde este trabalho se encaixa neste espectro de possibilidades que os megaeventos propiciam como um *locus* de contradições no capitalismo avançado.

Este texto busca evidenciar ao leitor a imagem das comunidades desassistidas, termo favela em português e *slum* em inglês, no Rio de Janeiro, construídas pela mídia internacional durante os Jogos Olímpicos de 2016. Para isso analisamos 86 reportagens de 13 veículos de mídia estrangeiros (BBC, The Guardian, Daily Mail, CNN, New York Times, Le Monde, Le Figaro, El Pais, El

1. Este capítulo sistematiza alguns dos resultados de pesquisa realizada entre 2015 a 2017 com auxílio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Projeto Regular), a quem agradeço.

2. Professor Doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Programa de Mudança Social e Participação Política, Universidade de São Paulo.

3. Mestre em Ciências do Programa de Mudança Social e Participação Política, Universidade de São Paulo.

4. Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Instituto de Educação - Centro Esportivo, Curso de Educação Física.

Mundo, Corriere della Sera, La Repubblica e Spiegel, Bild). Utilizamos três categorias de análise: desigualdade, violência e glamourização. Particularmente, a última categoria reflete o processo de espetacularização da favela ao transformá-la em local pitoresco para um turismo específico, ficando muito distante da realidade concreta, construindo um mundo imaginário para as lentes dos estrangeiros que igualam uma comunidade sem acesso aos bens materiais com comer escorpião nas feiras ao ar livre de Pequim.

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA

Os megaeventos, hoje, gozam de grande visibilidade no mundo acadêmico, não precisando aqui discutir o que são os megaeventos, o que os caracteriza, o processo histórico de consolidação do esporte como megaevento. Em termos genéricos os megaeventos sempre foram espaços de exposição internacional. No entanto, findado a Guerra Fria, os jogos se consolidariam como mega espetáculos do século XXI, extrapolando os conceitos de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo. Nos Jogos Olímpicos, o país sede, desde o anúncio do evento, ficará no foco da mídia internacional, sendo assunto recorrente no noticiário de um grande número de países que incorporaram estes espetáculos como componente cultural. Temas como o andamento das obras, segurança dos turistas, gastos, atrasos e protestos são discutidos quase diariamente.

Durante o evento, os olhos do mundo se voltam para o país, que além de ser ocupado por um grande número de turistas, também atrai a imprensa internacional e seus leitores. Apesar de o foco principal ser a festa esportiva, a audiência mundial acaba, mesmo que indiretamente, tendo contato com outros aspectos do país, no caso concreto deste trabalho serão os diferentes olhares da favela abordados pela mídia internacional.

O NOVO OLHAR PARA O SUBDESENVOLVIMENTO: OS SELFIES NA FAVELA

A Organização das Nações Unidas, em 2002, propôs criar um conceito do que poderia ser classificado como uma favela, *slum* se utilizarmos o termo genérico em inglês, definindo essas regiões como uma área com acesso inadequado a água potável, saneamento e infraestrutura; construções de baixa qualidade; alta densidade habitacional e insegurança quanto à posse da propriedade. O IBGE definiu favela, a partir do senso de 2000, como um conjunto habitacional

com mais de 51 moradias, distribuídas de maneira densa e desordenadas, sem acesso a serviços básicos e em propriedade alheia.

A própria diversidade de formatos e tamanhos desse tipo de conjunto residencial torna difícil sua definição. Presentes em quase todos os centros urbanos do mundo subdesenvolvidos, assim como em muitas grandes cidades dos países desenvolvidos, essas comunidades convivem com uma série de estereótipos geralmente associados à violência e desigualdade, imagens perpetuadas pela cobertura da mídia (Frenzel e Koens, 2012).

O turismo favela, *slumming* ou *slum tourism* em inglês, se desenvolveu nas últimas décadas em uma indústria global (Frenzel, 2016). Atualmente mais de 1 milhão de turistas se engajam nessas atividades, visitando áreas pobres das mais diversas cidades do globo, como as Townships na Cidade do Cabo e as favelas do Rio de Janeiro, assim como regiões similares de Nairobi, Mumbai e Kingstown. A forma como o turismo favela ocorre atualmente está relacionada a dois movimentos paralelos ocorridos nos anos 80 e 90 em duas cidades distintas: a Cidade do Cabo na África do Sul e o Rio de Janeiro no Brasil.

Nos anos do apartheid na África do Sul eram organizados tours com o objetivo de educar gestores de políticas públicas brancos sobre a realidade das Townships, áreas segregadas reservadas para a população negra, sobre as condições e os problemas nessas regiões. Com o tempo esses tours passaram a interessar também ativistas estrangeiros que vinham lutar contra o apartheid, estima-se que 300 mil turistas visitem esses bairros por ano, apenas na Cidade do Cabo (Frenzel e Koens, 2012).

No caso do Rio de Janeiro esse movimento está relacionado com a conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e o desenvolvimento, realizada em 1992, conhecida como Eco-92 (Freire-Medeiros, 2010). Durante a conferência se registrou um grande interesse dos participantes em conhecer a realidade das favelas, mais especificamente a favela da Rocinha. Com os primeiros tours independentes sendo organizados logo depois da conferência, hoje estima-se que mais de 480 mil turistas visite as favelas cariocas todos os anos (Freire-Medeiros, 2010).

O crescimento desse fenômeno chamou também a atenção da academia, com diversas áreas tratando de discutir essa temática, dando origens às mais diversas interpretações do turismo favela, tanto positivas quanto negativas, discutindo o lado voyeurístico da atividade até seus impactos socioeconômicos.

Nesse sentido é importante entender que o turismo favela, mais do que um ato de consumo é um ato de definição da própria favela. Os turistas não são atraí-

dos pela favela real, algo que podemos argumentar impossível de se encontrar já que esse é um fenômeno complexo e sujeito a diversas e conflitantes interpretações, mas uma favela imaginada construída a partir da experiência de outros, pela propaganda e principalmente pela mídia (Freire-Medeiros, 2009).

A favela será reinterpretada, transformada em uma atração turística e compreendida como um mundo à parte. O mesmo ocorre com a noção de comunidade, os turistas saem do Rio de Janeiro e entram na favela, um lugar separado do resto do Brasil, regido por regras próprias, onde o Estado dá lugar a uma organização local, definida entre policiais corruptos e traficantes.

A romantização da favela também não é um fenômeno particularmente recente. A visão da comunidade como um centro de cultura e liberdade está presente em diversas obras do cinema novo, como *Orfeu Negro* (1959) de Marcel Camus e *Rio, Zona Norte* (1957) de Nelson Pereira dos Santos. Nessas obras a miséria e a violência eram já colocadas como pano de fundo, destacando o samba e a vida nos subúrbios cariocas. A pobreza passa a ser retratada não mais como um problema, nem suas causas são discutidas, mas como uma parte inerente desta comunidade retratada de forma pitoresca (Freire-Medeiros, 2006).

Internacionalmente esse movimento iria ocorrer mais tarde. Uma das primeiras vezes que a favela irá assumir uma posição de destaque será com a vinda de Michael Jackson ao Brasil em 1996. O artista escolheria a favela de Santa Marta como uma das locações para o seu clip *They don't care about us*. A visita do músico seria cercada de polêmica em diversos aspectos, a locação em uma favela causaria a indignação de diversos políticos que consideravam que o vídeo denegria a imagem do Rio de Janeiro. As insinuações que a equipe de gravação teve de pedir permissão para o dono do morro na época, o traficante Marcinho VP, contribuiu ainda mais para passar a imagem de um lugar à parte, regido por sua própria lei.

Segundo os próprios membros da indústria do turismo favela, o grande passo seria dado em 2002, com o lançamento global do filme *Cidade de Deus* de Fernando Meireles e Katia Lund (Freire-Medeiros, 2006). A obra, recheada de ação, retratando os conflitos entre traficantes com uma estética bem trabalhada e uma trilha sonora misturando diversos ritmos brasileiros, contribuiu para disseminar no exterior a noção da favela como um lugar às margens da lei e com uma forte identidade cultural.

A escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos colocou o país no foco da imprensa mundial, que cobriu os mais diversos aspectos da vida brasileira, assim como os mais diversos problemas que assolam o país, principalmente a desigualdade e a violência.

Durante os Jogos Olímpicos de 2016 o Rio de Janeiro recebeu ainda mais cobertura. Um aspecto interessante é que se antes a cobertura do Brasil ficava restrita a interessados, durante os Jogos essa cobertura se ampliou para um público que pouco se dispunha a ler notícias da América Latina, Sul ou, mesmo Brasil.

Consideramos então que saber como foi feita a cobertura da favela pelos meios de comunicação internacionais, nesse período, é fundamental para entender como esse local é visto pelos olhos dos jornalistas estrangeiros. A favela, nesse cenário, ocupou um espaço importante, recebendo por diversas vezes destaque na cobertura, que abordou as comunidades sobre as mais diversas óticas, que discutiremos mais a seguir.

Um elemento importante, que se insere na discussão já feita sobre como a favela é interpretada e consumida enquanto algo único e singular, está no próprio uso do termo favela. Enquanto algumas reportagens utilizam os termos gerais para favela do seu próprio idioma, a ampla maioria das reportagens usa o termo favela, muitas vezes nem se preocupando em explicar o seu significado.

Ao utilizar um nome próprio a imprensa internacional contribui para definir a favela. Nesse caso ela deixa de ser, de certa forma, um *slum*, ou apenas uma região pobre, violenta, densamente povoada e com pouco acesso aos serviços básicos e passa a ser algo singular. Assumimos neste texto que o termo favela tornou-se uma palavra de uso global, definindo as comunidades pobres brasileiras do Rio de Janeiro.

ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA

Para analisar o conteúdo das reportagens e relacioná-las ao objeto favela, utilizamos a interpretação e revisão bibliográfica e a análise de conteúdo. Com Campos (2004) utilizamos as ferramentas de análise temática e categorização, tendo por base os estudos de Bardin (1979) e, por último, Duarte e Barros (2005) com a técnica de coleta de dados em mídias.

Segundo a Associação Brasileira de Jornalismo foram cadastrados 25 mil jornalistas estrangeiros, estes fizeram uma cobertura ampla, abordando os mais diversos aspectos da cidade do Rio de Janeiro, tanto em relação a temas ligados diretamente aos jogos (infraestrutura, segurança do turista) quanto discutindo a cidade (cultura, desigualdade), analisamos as reportagens que tratavam as favelas. Sabemos que a favela é uma comunidade complexa, sujeita às mais diversas análises, muitas vezes conflitantes, podendo ser interpretada sobre a

ótica da violência e da desigualdade, mas também vista como um local com manifestações culturais próprias.

Buscando entender como esta complexidade foi refletida na mídia internacional, acompanhamos 13 veículos de mídia estrangeiros, sendo 3 britânicos (BBC, The Guardian, Daily Mail), 2 estadunidenses (CNN, New York Times), 2 franceses (Le Monde, Le Figaro), 2 espanhóis (El País, El Mundo), 2 italianos (Corriere della Sera, La Repubblica) e 2 alemães (Spiegel, Bild).

Dentre a vasta cobertura internacional desses veículos selecionamos as reportagens que tratam das favelas cariocas diretamente, descartando possíveis menções esporádicas, durante o período dos jogos, começando no dia 4 de agosto até o dia 22 de agosto de 2016. Nesses requisitos foram encontradas 86 reportagens, com todos os jornais publicando pelo menos uma reportagem abordando as Favelas cariocas, sendo o jornal inglês Daily Mail com mais menções, 18.

É importante destacar que cada uma dessas empresas possui sua linha editorial e sua própria forma de abordar a realidade, sendo que um mesmo fato pode ser interpretado de maneiras diferentes, de acordo com as experiências e os preconceitos do jornalista. O objetivo desse trabalho, porém, não é debater os possíveis preconceitos e sensacionalismos de cada veículo, mas formar um quadro amplo e geral de como a favela vem sendo discutida na imprensa internacional. A partir dessa análise as reportagens foram divididas em 3 categorias distintas: desigualdade, violência e glamourização.

Na primeira categoria, desigualdade, separamos as reportagens que tratam diretamente do contraste de classes no Brasil, um tema recorrente na imprensa internacional, que classifica o Brasil como um país de contrastes, sendo que durante os jogos a favela é a metáfora preferida para se exemplificar essa situação.

Na segunda categoria destacamos a violência, com reportagens que abordam a Favela como um lugar sem lei e, no geral, violenta, sendo que há leituras que esta violência acaba por se espalhar pelo resto da cidade.

A última categoria, glamourização, é a mais complexa e diversa, nela estão as reportagens que abordam a vida nas favelas como uma cultura própria se relacionando principalmente com as temáticas abordadas pela indústria do turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as reportagens, como um todo, percebemos um destaque muito grande à favela como uma entidade a parte. Esta entidade, porém, é tratada de

maneira muito diversa. Na visão dos jornalistas estrangeiros as favelas são: fascinantes⁵ e místicas⁶ (Daily Mail), assoladas pelo crime⁷ (The Guardian), chics⁸ (Le Monde) e, entre muitos outros adjetivos, variando dos mais positivos até os mais negativos, mostrando que, apesar de pontualmente alguns jornais poderem abordar a favela de uma forma única, eles no geral não se prendem a apenas uma visão dessas comunidades brasileiras.

TABELA 1. JORNAIS/ CATEGORIAS

Jornais	Desigualdade	Violência	Glamorização	Total
Daily Mail	8	5	5	18
The Guardian	3	2	1	6
BBC	2	0	2	4
New York Times	6	4	4	14
CNN	4	1	1	6
Le Monde	1	0	3	4
Le Figaro	2	1	2	5
El Pais	1	0	0	1
El Mundo	0	0	2	2
Der Spiegel	1	0	1	2
Bild	1	3	5	9
Corriere de la Sera	2	0	0	2
La Repubblica	8	1	4	13
por categoria	40	16	30	86

CATEGORIA 1: DESIGUALDADE

A desigualdade foi o tema mais abordado pelos jornais estrangeiros (40 reportagens), nesse sentido, a favela, e seus problemas, são frequentemente usados como um ponto de comparação com a pompa dos jogos^{9, 10, 11} (Daily Mail, Le Figaro, Bild). A precariedade da vida nas favelas, quando colocada em contra-

5. <http://www.dailymail.co.uk/travel/holidaytypeshub/article-3725564/Ready-Steady-Rio-world-s-vibrant-city-Olympics-spotlight-s-dive-right-in.html>

6. http://www.dailymail.co.uk/travel/travel_news/article-3739821/Airbnb-listings-Rio-Janeiro-s-favelas.html

7. <https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2016/aug/19/brazil-david-alan-harvey-photography-in-pictures>

8. http://www.lemonde.fr/jeux-olympiques-rio-2016/article/2016/08/18/jo-2016-vidigal-la-favela-chic-de-rio_4984500_4910444.html

9. <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3726566/Rios-poor-watch-Olympic-opening-rooftops-slum.html>

10. <http://video.lefigaro.fr/figaro/video/un-habitant-d-une-favela-aujourd-hui-on-profitte-de-la-vue-du-maracana-mais-demain-on-va-souffrir-des-consequence-de-ces-jo/5073631545001/>

11. <http://www.bild.de/news/ausland/olympia-2016/brasilien-einheimische-schauen-in-favelas-so-guckt-rio-rio-47210820.bild.html>

posição, muitas vezes com fotos, em relação a opulência do parque olímpico, dos grandes hotéis e dos ingressos, cujos preços muitas vezes superam o valor de um salário mínimo, se tornam uma metáfora do Brasil como um todo, sempre considerado como um dos países mais desiguais do mundo.

Contribuiu para essa categoria a medalha de ouro da Judoca Rafaela Silva, a primeira do Brasil nos jogos. Mais do que a medalha em si, algo de certa forma corriqueira, a imprensa internacional deu grande destaque ao fato da atleta ser moradora de uma favela. Contribui para o destaque o fato da judoca ser da Cidade de Deus, bairro retratado no filme homônimo, que foi bastante explorado pela mídia internacional.

Analisando as reportagens sobre a Rafaela Silva podemos ver dois padrões interessantes, o primeiro deles está relacionado ao entendimento da favela como um lugar isolado do Rio de Janeiro, como um território específico. A judoca não é tratada como brasileira, carioca ou fluminense, mas como favelada e não moradora de qualquer favela, mas da Cidade de Deus. Isto pode ser visto em diversas reportagens, “La Medalla de la Ciudadad de Dios”¹² (El Pais), “Rafaela Silva primo oro per il Brasile: dalla favela al trionfo nel judô”¹³ (La Repubblica), “Brazil’s first gold from the City of God favela”¹⁴ (BBC).

O segundo aspecto foi a crônica do esporte como fuga da pobreza e da violência. A Favela, portanto, é vista como um lugar de onde se busca sair, “From Favela to Olympic gold”¹⁵ (CNN), “Dalla favela all’oro, il trionfo di Rafaela “Bimbi di Rio, non smettete di sognare”¹⁶ (La Repubblica).

CATEGORIA 2: VIOLÊNCIA

Nesta categoria foram encontradas 16 reportagens. A relação entre a violência e a favela está sempre presente na cobertura internacional dos jogos, apesar disso as representações da favela carioca como um lugar onde impera a violência são raras¹⁷ (Bild). A cobertura da violência na favela ocorre quando existe

12. http://deportes.elpais.com/deportes/2016/08/10/actualidad/1470781687_706942.html

13. http://www.repubblica.it/speciali/olimpiadi/rio2016/2016/08/09/foto/rio_2016_rafaela_silva_favela_judo_brasile_prima_medaglia_d_oro-145635385/1/

14. <http://www.bbc.com/sport/olympics/37024492>

15. <http://edition.cnn.com/videos/world/2016/08/13/rafaela-silva-favela-gold-shasta-darlington-pkg.cnn>

16. <http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2016/08/09/dalla-favela-alloro-il-trionfo-di-rafaela-bimbi-di-rio-sognare40.html>

17. http://www.bild.de/sport/olympia/olympia-2016/raubueberfall-im-linienbus-nach-rio_ag_dp-47253826.bild.html

o contato entre a favela e o resto da cidade. A mídia tende a retratar a violência como resultado inerente de um eterno conflito entre o poder público e o poder em vigência na favela “Bloodshed and carnage in Rio: Now an innocent teenager is shot dead by police hunting murderers of Olympic soldier who strayed into slum”¹⁸ (Daily Mail).

Nesse sentido, a cobertura internacional segue um padrão onde a violência ocorre, ou é considerada digna de se reportar, quando ocorre o contato entre esses dois mundos estabelecidos, ou seja, quando o poder público ou pessoas alheias à vida na favela se envolvem na região, ou quando a região assusta o exterior.

Na cobertura estrangeira as origens da violência, ou os fatores que permitem que ela continue existindo, não são debatidos em profundidade, a cobertura da favela acaba por retratar a violência sempre como algo natural e de certa maneira caricatural “In Rio, the murdering doesn’t stop for the Olympics”¹⁹ (CNN), “Brésil: opération meurtrière dans une favela”²⁰ (Le Figaro).

Outro aspecto interessante é a noção de que na favela o perigo está presente apenas para os outsiders, reforçando a ideia de que é um lugar a parte com a sua própria lei e inacessível para estrangeiros “Olympic officer shot in head after wrong turn into slum”^{21, 22} (Daily Mail, New York Times).

CATEGORIA 3: GLAMOURIZAÇÃO

A última categoria, com 30 reportagens, serve como oposição às outras duas, se nas primeiras a Favela é sempre retratada de maneira negativa ou pouco convidativa, nessa ela é retratada de maneira mais leve e simpática, “Mit MC Gringo in Rio:Favelas sind tolle, lebendige Orte”²³ (Spiegel).

A perspectiva do turismo favela está bem delimitada na cobertura. A ideia da Favela como ponto turístico e um lugar obrigatório para se entender a cultura brasileira está presente em diversas reportagens. Essa noção é legitimada pela

18. <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3735849/Innocent-teenager-killed-stray-bullet-Rio-slum-Brazil-s-elite-troops-launch-dawn-raid-catch-ganglords-slaughtered-Olympic-soldier.html>

19. <http://edition.cnn.com/2016/08/17/americas/rio-brazil-homicide-police/index.html>

20. <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2016/08/17/97001-20160817FILWWW00006-bresil-operation-meurtriere-dans-une-favela.php>

21. <http://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-3734845/Olympic-officer-shot-head-wrong-turn-slum.html>

22. <http://www.nydailynews.com/news/world/olympic-officer-shot-head-wrong-turn-rio-slum-article-1.2748370>

23. <http://www.spiegel.de/reise/staedte/mit-mc-gringo-in-rio-de-janeiro-favelas-sind-tolle-lebendige-orte-a-1104663.html>

visita de atletas olímpicos, que nas suas agendas sempre atribuladas encontram espaço para visitar as favelas, como por exemplo o jogador de rugby australiano Nick Cummins²⁴ (Daily Mail) e a superestrela do atletismo mundial o campeão olímpico Usain Bolt²⁵ (Daily Mail).

O turismo favela está tão legitimado como uma forma verdadeira de se visitar o Rio de Janeiro que existe a opção de dormir na favela, “Fancy spending a night in Rio’s favelas? The Airbnb stays where Olympic tourists are getting an ‘authentic’ experience in the city’s poorest areas”²⁶ (Daily Mail).

Outro aspecto importante dessa cobertura é o destaque dado à música, a favela é sempre colocada como um lugar musical. O samba e o funk são representados como ritmos da favela, gêneros que superaram o preconceito e a desconfiança para eventualmente se destacarem no mundo em geral. Situação que ocorre principalmente pelo seu uso na cerimônia de abertura, o que permite a imprensa internacional fazer esse tipo de análise.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

CAMPOS, C. J. Método de Análise de conteúdo. Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.57, n.5, p.611-614, 2004.

DUARTE, J., BARROS, A. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FREIRE-MEDEIROS, B. The favela and its touristic transits. *Geoforum*, v.40, n.4, p. 580–588, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, B. Entre tapas e beijos: A favela turística na perspectiva de seus moradores. *Sociedade e Estado*, v.25, n.1, p.33-51, 2010.

FREIRE-MEDEIROS, B. *A construção da favela carioca como destino turístico*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

24. <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3730453/Honey-Badger-Nick-Cummins-reveals-doing-Rio-Olympics.html>

25. <http://www.dailymail.co.uk/wires/reuters/article-3749496/WIDER-IMAGE-Away-Olympic-track-Bolt-inspires-Rio-favela.html>

26. http://www.dailymail.co.uk/travel/travel_news/article-3739821/Airbnb-listings-Rio-Janeiro-s-favelas.html

FRENZEL, F. *Slumming it: the tourist valorization of urban poverty*. Chicago: University of Chicago Press-Zed Books, 2016, 232p.

FRENZEL, F; KOENS, K. Slum tourism: developments in a young field of interdisciplinary tourism research. *Tourism Geographies*, v.14, n.2, 195-212, 2012.